



PODERES

# Alcolumbre cancela sabatina de Messias

Risco de rejeição do nome escolhido por Lula para uma vaga no Supremo faz Planalto segurar mensagem que formaliza a indicação à Mesa do Senado. Presidente da Casa mantém postura beligerante e desfaz acerto para ouvir o AGU na semana que vem

» ALÍCIA BERNARDES

A decisão do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), de cancelar a sabatina de Jorge Messias — previamente marcada para 10 de dezembro — expôs a deterioração do diálogo com o Palácio do Planalto e elevou a temperatura política em torno da sucessão de Luís Roberto Barroso no Supremo Tribunal Federal (STF). Como o Palácio do Planalto ainda não enviou à Mesa do Senado o documento que oficializa a indicação do advogado-geral da União, não restou outra alternativa ao presidente da Casa a não ser o cancelamento da agenda. “O Senado foi surpreendido com a ausência do envio da mensagem escrita referente à indicação, já publicada no *Diário Oficial da União* e amplamente anunciada”, declarou Alcolumbre, que considera “sem precedentes” o atraso no envio da mensagem presidencial.

“Essa omissão, de responsabilidade exclusiva do Poder Executivo, é grave e sem precedentes. É uma interferência no cronograma da sabatina, prerrogativa do Poder Legislativo”, afirmou ele, ao anunciar o cancelamento da agenda prevista para o processo de aprovação do nome para o STF.

A crítica do senador se baseia no fato de que, apesar de o governo ter oficializado a indicação de Messias ao Supremo, a etapa burocrática essencial para abrir a tramitação — o envio da indicação pela Presidência à Mesa do Senado — ainda não foi cumprida. Alcolumbre relatou a colegas ter sido surpreendido pelo atraso do envio do ofício e deixou claro que não pretende avançar sem o documento. A decisão frustrou a construção de um calendário alinhado anteriormente com o presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), Otto Alencar (PSD-BA), e fortaleceu a percepção de desgaste incomum entre Executivo e Legislativo.

Lula Marques/Agência Brasil



**Essa omissão, de responsabilidade exclusiva do Poder Executivo, é grave e sem precedentes. É uma interferência no cronograma da sabatina, prerrogativa do Poder Legislativo”**

**Davi Alcolumbre,**  
presidente do Senado

Em meio ao clima de atrito, o relator da indicação na CCJ, senador Weverton Rocha (PDT-MA), buscou operar como elemento moderador. Em conversa com jornalistas, ontem, o pedetista admitiu que a crise poderia ter sido evitada e sugeriu que falta “gente para ajudar a baixar a temperatura” no Congresso. Segundo ele, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva pretende procurar Alcolumbre assim que retornar de viagem ao Nordeste, entre quinta e sexta-feira, em tentativa de reconstruir pontes e restabelecer um calendário institucionalmente pactuado. Weverton destacou, ainda, que Lula tem

evitado atuar diretamente na coleta de apoios, afirmando que o presidente “conversa sobre assuntos de Estado, não sobre votos”.

O senador, contudo, reconheceu que a demora no envio da mensagem presidencial atrasou o processo e abriu espaço para interpretações políticas que alimentam o conflito. Weverton insistiu que não houve manobra deliberada do Planalto, mas ponderou que, em um ano eleitoral, qualquer ruído se amplifica. Para ele, a condução dos próximos passos dependerá exclusivamente da Presidência do Senado: “Assim que a mensagem chegar, entraremos no

nosso trabalho”. O relator também tem procurado alternar gestos públicos de serenidade com conversas reservadas para evitar que a indicação de Messias seja contaminada por disputas internas e tensões pré-eleitorais.

## Incertezas

Paralelamente, Jorge Messias tenta ampliar sua base de apoio diante das resistências cada vez mais explícitas no Senado. Nesta terça-feira, o AGU esteve no gabinete do senador Mecias de Jesus (Republicanos-RR), um dos poucos integrantes da bancada

evangélica a declarar apoio ao indicado. A visita se deu poucas horas após o cancelamento de um almoço com o bloco Vanguarda — formado por parlamentares do PL e do Novo —, episódio que acentuou a percepção do isolamento político enfrentado por Messias. O encontro com Mecias buscava aproximá-lo de líderes religiosos, grupo que concentra parte significativa da rejeição ao nome escolhido por Lula.

O endurecimento de Alcolumbre também se relaciona com a disputa de bastidores pela vaga no Supremo. O senador vinha defendendo a indicação do ex-presidente do Senado Rodrigo Pacheco (PSD-MG), aliado próximo. A opção de Lula por Messias frustrou essa articulação e abriu uma fissura entre o chefe do Executivo e o presidente da Casa responsável pela aprovação ou rejeição do nome indicado pelo Planalto. A crise atingiu novo patamar quando Alcolumbre afirmou que setores do governo constroem uma “falsa narrativa” ao insinuar que divergências institucionais poderiam ser resolvidas por meio de pressões políticas.

Com a sabatina cancelada e sem novo calendário definido, a indicação de Messias entra em uma zona de incerteza. Enquanto o Planalto tenta recompor o diálogo e o indicado percorre gabinetes para reduzir resistências, senadores avaliam que o cenário se tornou mais complexo do que inicialmente previsto. A falta do envio formal da mensagem do Executivo, somada à disputa política que envolve diferentes blocos do Senado, transforma o processo em um teste de força entre os Poderes.

O desfecho, agora, dependerá do encontro esperado entre Lula e Alcolumbre — sem data para ocorrer — e da capacidade de ambos de reduzir tensões que se amplificam rapidamente e ameaçam paralisar uma das decisões mais relevantes do ano para o Supremo e para a própria estabilidade institucional do país.

# “Provavelmente, serei candidato”, diz Lula

» FERNANDA STRICKLAND  
» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva admitiu, ontem, durante entrevista ao *Balanço Geral Pernambuco*, que pode ser candidato à reeleição em 2026, embora ressalve que a decisão ainda não foi tomada. Lula afirmou que vai consultar o PT e os aliados e avaliar sua condição de saúde aos 80 anos antes de bater o martelo — mas deixou claro que, se considerar necessário para impedir o retorno do que chama de “tranqueira”, ele entrará na disputa. “Provavelmente eu seja candidato. Obviamente, tenho que consultar o meu partido, consultar aliados e levar em conta que tenho 80 anos. Para ser candidato, eu tenho que estar 100% com saúde”, disse. “Se eu estiver como estou hoje, querendo viver 120 anos, estou em perfeita condição.”

Em tom firme, Lula afirmou que só entrará na disputa se julgar que sua candidatura é essencial para evitar o retorno de forças políticas que, segundo ele, colocaram o país em risco. “A única coisa que eu vou te dizer é a

seguinte: se depender do meu esforço físico, essas tranqueiras que governaram o país nunca mais vão voltar”, pontuou.

“O Brasil pode eleger quem quiser — branco, preto, rico, pobre — agora, o que não dá é eleger gente que deixou morrer centenas de milhares de pessoas por irresponsabilidade, que acabou com o Ministério da Cultura, da Igualdade Racial, dos Direitos das Mulheres”, completou Lula, em referência direta ao governo Bolsonaro. “Esses negacionistas não podem voltar a governar esse país, pelo amor de Deus”, completou.

## Palanque harmonioso

O presidente afirmou que o cenário eleitoral só deve começar a se definir “no meio de março”, quando ele e o PT farão avaliações políticas e institucionais. Até lá, garantiu que sua prioridade é concluir os compromissos de governo. “O que eu quero, por enquanto, é cumprir minhas promessas ao povo brasileiro. Quero entregar um país decente, digno, funcionando”, disse.

Ricardo Stuckert/PR



Questionado sobre o cenário eleitoral em Pernambuco — onde nomes como Raquel Lyra e João Campos despontam como possíveis

candidatos em 2026 — Lula evitou se posicionar. Ele lembrou sua parceria histórica com o ex-governador Eduardo Campos e mencionou que,

no passado, PT e PSB chegaram a dividir palanques harmoniosamente.

“Eu não sei como vai ser, ainda é cedo. Aqui em Pernambuco, eu já fiz

um palanque só com Beto e Eduardo Campos. Ninguém vaiava ninguém. Quem fosse ao segundo turno, nós iríamos apoiar”, recordou.



**A única coisa que eu vou te dizer é a seguinte: se depender do meu esforço físico, essas tranqueiras que governaram o país nunca mais vão voltar”**

**Luiz Inácio Lula da Silva,**  
presidente da República